

A CONEXÃO ENTRE PAPEL THETA E CASO É SEMPRE BIUNÍVUCA?

Fábio Bonfim DUARTE¹
Poslin-UFMG

RESUMO: Este texto examina se podemos estabelecer algum tipo de conexão entre os Casos ergativo e dativo, por um lado, e os papéis theta [AGENTE] e [EXPERIENCIADOR], por outro, em línguas pertencentes ao tronco lingüístico Macro-Jê . A proposta é a de que há sim forte relação entre Caso e papel temática em línguas como o Apinajé, o Apãniekra, o Parkatêjê e o Maxacali. Por exemplo, é mostrado que, nessas línguas, o acionamento da partícula [.te] de Caso ergativo está diretamente relacionado ao papel temático que o sujeito agente apanha durante a derivação sintática. Tal situação fica particularmente instanciada pelo fato de essa partícula ter seu uso também estendido a sujeitos de verbos inergativos em línguas como Maxacali, as quais acionam o padrão ergativo ativo.

1. INTRODUÇÃO

Determinar o Caso abstrato e as propriedades semânticas dos argumentos externos em construções transitivas e intransitivas tem sido tema de intenso debate no âmbito da literatura gerativista das últimas décadas. Por exemplo, as questões que se colocam para a teoria de papéis theta e para a teoria de Caso são as seguintes:

- (1a) os papéis theta [AGENTE] e [EXPERIENCIADOR] mantêm sempre relação biunívoca com os Casos ergativos e dativos?
- (1b) Casos ergativo e dativo de AEs correspondem, ao final de contas, a Caso inerente ou a Caso estrutural?

Diagnósticos sintáticos apurados pelas pesquisas recentes vêm apontando que, em muitas línguas, o ergativo pode, de fato, corresponder a Caso inerente. Em geral, assume-se que Caso inerente difere de Caso estrutural porque tem conexão direta com determinadas posições- θ , como as posições de agente e as de experienciador. Por exemplo, dativo é o Caso inerente em línguas nominativas porque, em geral, está associado a argumentos externos que recebem papel temático [EXPERIENCIADOR]. Evidência a favor dessa idéia advém do fato de que o argumento com Caso dativo em muitas línguas não engatilha concordância com o verbo finito das orações. Ao contrário, em línguas em que isso ocorre, é bastante comum o verbo finito concordar com o argumento interno e não com o argumento externo, em virtude de este último receber Caso inerente. Tal intuição fica particularmente assentada quando nos deparamos com os seguintes dados.

ICELANDIC

- (2) Jóni líkuðu ǿessir sokkar
Jon-DAT gostar-PL essas meias-NOM
“João gosta destas meias”

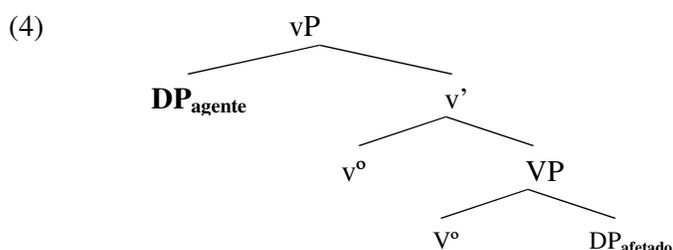
[Bobaljik, 2006, p.4]

BASQUE

- (3) Ni-ri zure oinetako-a-k gustatzen zaizkit.
I-DAT your shoes-DET-NOM like AUX
“I like your shoes”

[Austin and López 1995:12]

Assim como dativo corresponde a Caso inerente em certas línguas nominativas, outra intuição é a de que o ergativo equivalha ao Caso inerente em línguas ergativas. O fato curioso que surge é que nessas línguas o Caso ergativo está diretamente associado ao argumento externo que é, em geral, projetado na posição temática de agente, i.e., em Spec-vP, nos termos de Hale e Keyser (1993, 1998, 2002), conforme assinala a configuração sintática a seguir.



Esta correlação fica bastante visível em línguas como o Basco, o Maxacali e o Georgiano em que verbos de ação, sejam eles transitivos ou intransitivos, marcam sistematicamente seu sujeito agente com Caso ergativo, e não com Caso nominativo, conforme mostram os exemplos a seguir.

BASQUE

- (5a) *Gizona-k* *kurritu* *du*
Man-ERG run AUX
“The man ran”

(Levin 1983:(33))

- (5b) *Miren-ek* *atea* *ireki* *du*.
Miren-ERG door-NOM open AUX
“Miren opened the door”

(Levin 1989:(20))

MAXACALI

- (6) *kakxop* *te* *kuxxamuk* *paha*
menino ERG lambari pegar
“O menino pegou o lambari”

- (7) *kakxop* *te* *tatxok*
menino ERG banhar
“O menino banha”

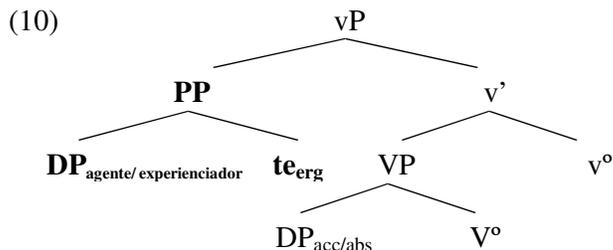
GEORGIAN (SOUTH CAUCASIAN: GEORGIA)

- (8) *Vano-m* *gamozarda* *dzma*
 Vano-ERG levantar irmão
 “Vano levantou o irmão”
- (9) *Bav šv-ma* *itira*
 Criança-ERG gritar
 “A criança gritou”

Tendo em vista essas considerações iniciais, o propósito principal deste texto é averiguar se podemos estabelecer alguma correspondência sistemática entre os papéis temáticos [AGENTE] e [EXPERIENCIADOR] e os Casos ergativos e dativos, nas línguas do tronco Macro-Jê. Pelo momento, focalizaremos apenas quatro línguas desse tronco, a saber: da família Jê, analisamos o Apãniekra e o Apinajé; da família Maxacali, avaliamos o Maxacali. Uma pesquisa futura deverá, evidentemente, coletar mais dados de outras línguas do tronco lingüístico Macro-Jê.

2. DA RELAÇÃO ENTRE PAPEL THETA E CASO

A teoria que pretendo desenvolver durante a análise é a de que há sim certa correspondência entre papel theta e Caso, embora essa correspondência não seja sempre total e biunívoca. No Maxacali, por exemplo, Caso ergativo, realizado pela posposição **te**, está diretamente conectado com o papel theta [+AGENTE] do argumento externo de verbos transitivos de ação. Todavia, essa mesma posposição pode ainda vir relacionada a argumentos externos que recebem papel theta [+EXPERIENCIADOR] de certos verbos psicológicos como **sentir alegria, gostar, desejar, assustar-se, ter medo**, dentre outros. Assim sendo, assumirei que Caso ergativo cobre, pelo menos, os papéis temáticos de AGENTE e de EXPERIENCIADOR, na língua Maxacali, conforme sinaliza a configuração sintática em (10).



Já em Apãniekra, Apinajé e Parkatejê, a relação entre papel theta e Caso abstrato é ainda mais forte e, de certa maneira, biunívoca. Essa biunivocidade pode ser notada pelo simples fato de o argumento externo de verbos transitivos de ação, que recebem papel theta [+AGENTE], poderem vir marcados com a posposição de Caso ergativo **te**, enquanto o argumento externo de verbos transitivos psicológicos é marcado pela posposição de Caso dativo **mã**. O objetivo nas próximas seções é apresentar os dados relevantes que ajudam a sustentar essa hipótese.

3. AS EVIDÊNCIAS DO MAXACALI

Encontramos no Maxacali um padrão muito típico de línguas ergativas ativas². Nessa língua, a posposição de Caso ergativo **te** figura em geral junto a argumentos externos de verbos transitivos de ação e a argumentos externos de verbos intransitivos de ação, conforme sinalizam os dados a seguir.

TRANSITIVOS DE AÇÃO

- (11) *Konãg te tu kumuk ûhûn*
[kunãŋ tæ? tu? kuubuk^ɿ ûhûɳ^ɿ]
Água ERG 3-sg-dat (fazer) mal mulher-abs
“A água fez mal para a mulher”.

- (12) *Pox te tik xûmĩy nãm*
[poj tæ?tijk^ɿ tʃimĩj nãm^ɿ]
Flechas ERG homem-abs acertar qt-pl
“As flechas acertaram os homens”.

[Campos (2008, p. 72-73)]

INTRANSITIVOS DE AÇÃO

- (13) *Kakxop te tatxok*
[kak^ɿtʃuxp^ɿ tæ? tazt^ɿtʃowk]
Menino ERG banhar
“O menino tomou banho”.

- (14) *Yoãm te hãm̃yãg*
[dʒoãm̃^ɿ tæ? hãm̃^ɿɳãŋ]
João ERG dançar
“O João dançou”.

[Campos (2008, p. 72-73)]

Notem que os exemplos do Maxacali mostram claramente que a realização do Caso ergativo está diretamente correlacionada com o fato de os sujeitos de verbos transitivos de ação e de verbos inergativos receberem na estrutura argumental o papel theta [+AGENTE]. Contudo, em Maxacali, não podemos afirmar que essa relação é sempre biunívoca e sistemática, uma vez que o escopo da posposição **te** também pode estender-se a AEs de verbos transitivos psicológicos, conforme mostra o exemplo a seguir.

- (15) *Ûn te yîmxox yîmkute*
[ûɳ^ɿ tæ? ɳĩx^ɿm^ɿtʃoj ɳĩx^ɿm^ɿkuhtæ?]
Mulher ERG marido-ABS temer
“A mulher ficou com medo do marido”.

[Campos (2008, p. 79)]

Dados como o de (15) mostram claramente que a relação entre Caso ergativo e papel temático [+AGENTE] não é sempre biunívoca e sistemática em Maxacali, como poderíamos, a princípio, esperar, visto que, em (15), a posposição **te** figura junto ao AE que recebe papel temático [+EXPERIENCIADOR], quando é projetado na posição de Spec-vP, pelo verbo psicológico *temer*. Uma maneira de interpretarmos teoricamente esse fato é assumirmos que, embora a função inicial da posposição **te** seja realmente a de contribuir na atribuição de Caso ergativo e do papel theta [+AGENTE] ao argumento externo, seu uso é estendido para cobrir também o papel temático dos sujeitos de verbos transitivos psicológicos. Outra possível razão pode estar conectada com o fato de a gramática do Maxacali não disponibilizar uma posposição específica de Caso dativo para marcar argumentos externos de verbos transitivos psicológicos, como ocorre, por exemplo, no Apãniekra, no Apinajê e no Parkatêjê, os quais acionam a posposição **mã**.

Na próxima seção, mostro que, diferentemente do Maxacali, pode haver sim biunivocidade entre a realização de Caso abstrato e a atribuição de papel theta em línguas como Apinajê, Apãniekra e Parkatejê.

4. EVIDÊNCIAS DO APINAJÊ, DO APÃNIEKRA E DO PARKATÊJÊ

Em Apinajê, Apãniekra e Parkatêjê, encontramos um padrão de Caso um pouco distinto do exibido pelo Maxacali, visto que, nas três primeiras línguas, há sim biunivocidade entre a realização dos Casos ergativo e dativo, por um lado, e atribuição dos papéis thetas [+AGENTE] e [+EXPERIENCIADOR], por outro. Tal relação fica particularmente assentada pelo fato de essas línguas disponibilizarem duas posposições, cujas funções morfo-semânticas podem ser assim descritas:

- (16a) a posposição **mã** assinala a atribuição de Caso dativo e do papel theta [+EXPERIENCIADOR] aos argumentos externos de verbos psicológicos;
- (16b) a posposição **te** assinala a atribuição de Caso ergativo e do papel theta [+AGENTE] a argumentos externos de verbos transitivos de ação.

As correlações formuladas acima ficam particularmente perceptíveis quando averiguamos os contextos de distribuição das partículas **te** e **mã** nas três línguas. No Apinajê, por exemplo, a distribuição da posposição de dativo é mais ampla se comparada com a posposição de Caso ergativo, visto que ocorre tanto em orações independentes quanto em orações subordinadas nominalizadas, conforme assinalam os exemplos a seguir.

APINAJÊ

Orações independentes

- (17) *nẽj na kəm ic-kure.*
 DEM RLS 3.DAT 1-dislike
 ‘That one dislikes me.’

[Oliveira, 2004, p.236]

- (18) *ij-mã kagã puba*
 1-DAT snake RP.fear
 ‘I’m afraid of snakes.’

[Oliveira, 2004, p.271]

Oração complexa nominalizada

- (19) *nē* *a-mǝ* *nī* *prəm* *čwəp* *ja*
SS 2-DAT have.sex wish NMLZ DET
“.....(the one) you want to have sex with”

[Oliveira, 2004, p.259]

Diferentemente, da posposição **mǝ**, a posposição de Caso ergativo tem seu contexto de ocorrência apenas em orações subordinadas nominalizadas, quando estas trazem verbos transitivos de ação, conforme apontam os dados a seguir:

Orações complexas nominalizadas

- (20) *ij-mǝ* [*me* *karō* ***kot*** *i-p-irǝ* *ja*] *p-uba*
1-DAT INDF soul 3.ERG 1-RP-watch DEF.ART RP-fear
‘I’m afraid that spirits might spook me.’
- (21) *ij-mǝ* ***kot*** [*ij-go* *j-apeǝ*] *ja*] *prəm*
1-DAT 3.ERG 1-lice RP-search DEF.ART enjoy
‘I enjoy her taking out my lice.’

Situação semelhante dá-se também no Apãniekra, visto que a posposição **mǝ** de dativo tem contexto de ocorrência mais amplo e tem conexão direta com os sujeitos de verbos psicológicos que recebem papel theta [+EXPERIENCIADOR], conforme sugerem os dados a seguir.

APÃNIEKRA

- (22) *jətkahi mǝ* *a-kīn*
jətkahi-DAT *tu-sentir alegria*
“*jətkahi* gosta de você” [lit: “Você dá alegria para *jətkahi*”].

[Alves, 2004, p.117]

- (23) *i-mǝ* *təp* *nǝ* *prām*
eu-DAT *peixe* POSP *querer*
“Eu quero peixe”.

[Alves, 2004, p.118]

Como o Apãniekra apresenta uma cisão de Caso condicionada pelo traço aspectual da sentença, notamos que a posposição **te** tem sua ocorrência restrita a sujeitos de verbos transitivos de ação quando a oração apresenta traço aspectual [+PERFECTIVO], conforme mostram os dados a seguir¹.

¹ Para detalhes da Cisão no sistema de caso do Apãniekra, ver a análise de Alves (2002, 2004).

(24) *i- tɛ* *a* *j- itɛp*
 1-ERG 2 REL cortar
 “eu te cortei”

(25) *rɔpti tɛ hũmre Ø kuran*
 onça ERG homem ABS matar
 “a onça matou o homem”

[Alves (2002, p.83-93)]

A língua Parkatêjê (Ferreira, 2001, 160-167) também exibe padrão muito semelhante ao das línguas Apinajé e Apãniekra, mostrado acima, uma vez que sujeitos de verbos transitivos, os quais recebem papel theta [EXPERIENCIADOR], também vêm marcados com o Caso dativo, situação que se pode notar pela presença da posposição **mã** (= mǎ), nos dados a seguir.

(26) *i-mã rop ita japê nĩre*
 eu-DAT cachorro DEM C-gostar muito
 “Eu gosto muito deste cachorro”.

[Ferreira (2001, p.152)]

(27) *i-mã tep prãm nĩre*
 eu-DAT peixe ter.vontade muito
 “Eu gosto muito de peixe”.

[Ferreira (2001, p.160)]

Já em orações com verbos transitivos de ação, o sujeito vem acompanhado da partícula *te*, conforme se vê pelos exemplos abaixo.

(28) *i-te i-kra pan*
 eu-ERG 1-filho carregar+PASS
 “Eu carreguei meu filho”

[Ferreira (2001, p.159)]

Contudo, oposto ao que ocorre no Maxacali, em Parkatêjê, sujeitos de verbos inergativos, assim como se dá no Apãniekra e Apinajé, não tomam a posposição [**.te**] de Caso ergativo, muito embora recebam papel temático [AGENTE], conforme mostram os exemplos a seguir.

(29) *mẽ mpy tor*
 PL homem dançar-PASS
 “Os homens dançaram”.

O curioso na sentença (29) é que, muito embora o verbo esteja na sua morfologia de tempo passado, portanto apresentando o traço aspectual [+PERFECTIVO], e o sujeito seja um DP contendo as propriedades semânticas [+DESENCADEADOR, +CONTROLE], mesmo assim a posposição [**.te**] de Caso ergativo não é acionada. Uma explicação plausível para entendermos a razão por que o Caso ergativo não é acionado ao sujeito do verbo em (29) pode ser encontrada se assumirmos que o Caso desse argumento é valorado estruturalmente no domínio funcional da sentença, e não internamente no

Em vista desses fatos, minha proposta de que Caso ergativo em línguas (Macro)-Jê pode equivaler a Caso inerente ganha reforço adicional. Por isso, admitirei, doravante, que as posposições **mõ** e **te** em Apãniekra, Apinajé e Parkatêjê têm dupla função, a saber:

- (i) realizar papel temático;
- (ii) permitir valoração de Caso abstrato a argumentos externos de verbos transitivos. Essa valoração se dá no ponto da derivação em que o AE é juntado em Spec-vP.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando por base os dados das quatro línguas examinadas até aqui, ficamos em condições de responder às duas questões, formuladas no início deste texto, sobre se o papel theta [+AGENTE] e [+EXPERIENCIADOR] mantém sempre relação biunívoca com os Casos ergativos e dativos, ou não. A resposta é sim e não, situação que, evidentemente, dependerá das configurações sintáticas em cada língua. Para o Maxacali, podemos afirmar que atribuição dos papéis theta [AGENTE] e [EXPERIENCIADOR] está diretamente conectado com a valoração de Caso ergativo. Quanto ao Apinajé e Apãniekra, podemos assumir, com certa segurança, que a relação entre papel theta [AGENTE] e [EXPERIENCIADOR] está diretamente conectada com a atribuição dos Casos ergativo e dativo, respectivamente.

5. REFERÊNCIAS

- Alves, Flávia de Castro. Aspectos da Ergatividade Cindida em Apãniekrá. *Línguas Jê: estudos vários*. Londrina: Ed UEL, 2002. p. 83 a 93.
- _____. *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos Estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. 177f. Tese.(Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.
- Austin, Jennifer, and Luis López. Nominative, absolutive and dative languages. In *Proceedings of NELS 25*: 1-15. GLSA, University of Massachusetts, Amherst, 1995.
- Bobaljik, J. D. and Branigan, P. Eccentric Agreement and Multiple Case Checking In: Alana Johns, Diane Massam and Juvenal Ndayiragije, *Ergativity*. London: Springer, 2006.
- Campos, Carlo Sandro de Oliveira. *Morfofonêmica e morfossintaxe do Maxacali*. 2008, 143 f. Tese de Doutorado (em andamento). Faculdade de Letras. UFMG, Belo Horizonte, 2008.
- _____. Ergatividade cindida em Maxacali. In: DUARTE, F. B. *Cisão de Caso, telicidade e posse em Línguas indígenas Brasileiras*. Belo Horizonte: UFMG, Cadernos Viva Voz, 2007.
- Duarte, F.B. 2007c. Estudos de morfossintaxe Tenetehára. Belo Horizonte: UFMG, editora da Fale/UFMG, 220 p.
- _____. Fontes de atribuição do Caso ergativo e do Caso absolutivo em línguas indígenas brasileiras. In: *Revista Lingüística*. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, 2008a, no prelo.

_____; Garcia, Mário Alexandre. 2006. Ergatividade cindida, papel temático e causativização na língua Ka'apor. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte: UFMG, v. 14, n. 2, p. 277-315, jun/dez.

Ferreira, Marília. Aspectos das Classes de Palavras em Parkatêjê: uma abordagem Tipológico-Funcional. In: Cabral, Ana Suely Arruda Câmara Cabral e Rodrigues, Aryon, Dall'igna Rodrigues: *Estudos sobre Línguas Indígenas*. Belém: UFPA, p. 147-166, 2001.

Hale, K. & Keyser, S. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: K. Hale & S. J. Keyser (eds.) **The view from building 20**. MIT Press, Cambridge, MA, 1993.

Hale, Ken & Keyser, Jay. The Basic elements of argument structure. *MIT Working Papers in Linguistics*, vol. 32, MIT, Cambridge, 1998.

Hale, Ken & Keyser, Jay. Aspect and the Syntax of Argument Structure. MIT.2002. ms

Oliveira, Christiane Oliveira. *Lexical Categories and the status of descriptive in Apinajé*. IJAL, Chicago, 2003.

_____. *Apinajé morphosyntax*. Doctoral thesis, Oregon, 2002, ms.

Woolford, Ellen. 2006. Lexical Case, Inherent Case, and Argument Structure. MIT: *Linguistic Inquiry*. Cambridge: MIT Press, vol 37, numer 1, Winter 2006.

¹ Email para contato: fbonfim@terra.com.br / portal: www.lettras.ufmg.br/fbonfim

² Para detalhes dessa importante proposta, remeto o leitor a Campos (2007, 2008).

³ Woolford (2006, p. 113) defende a proposta de que o ergativo seja o Caso atribuído inerentemente pelo núcleo v^o. Ela formula esta teoria da seguinte maneira:

“Inherent Case may occur on external arguments and on (shifted) DP goal arguments, but not on themes/internal arguments”.